



Genealogia do homoerotismo literário argentino

(*Genealogía del homoerotismo literario argentino*)

(*Genealogy of Argentine literary homoerotism*)

Guilherme Augusto de Assis Rodrigues¹

Helder Thiago Maia²

Livro Resenhado: PERALTA, Jorge. *Paisaje de varones: genealogías del homoerotismo en la literatura argentina*. Barcelona: Icaria, 2017.

Talvez o leitor brasileiro se lembre de uma época em que se comprava coleções de cinema em *Video Home System* (VHS) nas bancas de jornal. Foi por meio de uma dessas coleções que assisti pela primeira vez *O beijo da mulher-aranha*. O filme, de 1985, é dirigido pelo argentino-brasileiro Héctor Babenco, com roteiro adaptado do romance homônimo do escritor argentino Manuel Puig. O livro, que foi publicado pela primeira vez em 1976, em Barcelona, ano que marca o início da última ditadura militar na Argentina, narra a convivência no cárcere entre um revolucionário de esquerda, preso por subversão, e um homossexual afeminado, preso sob a acusação de corrupção de menores. Marcada pela desconfiança, sobretudo por parte do preso político, a relação entre os dois personagens acaba se transformando em um vínculo não só afetivo, mas também sexual.

O beijo da mulher-aranha é um livro conhecido tanto do público argentino quanto do brasileiro, e a obra sem dúvida conseguiu articular um novo discurso sobre as homossexualidades

¹ Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: guilherme.augusto.rodrigues@usp.br.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2018), realiza estágio de Pós-Doutoramento, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) n. 2018-19521-4, no Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. É pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Cultura, Gêneros e Sexualidades (Nucus), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: helderthiagomaia@usp.br



masculinas e sobre seu conflitivo entrecruzamento com a política, especialmente de esquerda. No entanto, ao contrário do que se costuma argumentar, obras anteriores à de Puig, como explica Peralta, não produziram necessariamente imagens negativas, homofóbicas ou estigmatizantes das homossexualidades masculinas. Partindo dessa premissa, Peralta indaga como os sujeitos criaram e foram simultaneamente criados pelo espaço, por meio de textos literários argentinos publicados entre 1914 e 1957. Como afirma o autor, as formas heterogêneas de habitar e usar o espaço – o real e o literário – podem ajudar a compreender como operou a opressão e a resistência em torno das homossexualidades. (PERALTA, 2017, p. 9-10) Afinal, as regulações espaciais e sexuais estão mutuamente implicadas, uma vez que o controle das sexualidades e gêneros passa, em grande parte, por lhes assingar um lugar e por lhes rodear de fronteiras.

A escolha de Peralta, por pensar espaço, literatura e sexualidade, prova-se extremamente importante para os estudos literários que se debruçam não só sobre o espaço, mas também sobre as homossexualidades masculinas. Afinal, se ainda é escasso no campo literário o estudo do espaço, mais escassas ainda são as obras que se debruçam, especialmente no contexto ibero-americano, na análise dos espaços homoeróticos na literatura. Nesse sentido, o trabalho de Peralta se insere em uma incipiente lista de trabalhos de grande fôlego a estudar, dentro da literatura, o diálogo entre espaços e sexualidades dissidentes. É por isso que a sua obra é tão importante para qualquer pesquisador de literatura, afinal se trata de um trabalho de grande força teórica, a despeito da riqueza das análises literárias.

Nos dois primeiros capítulos do livro, “Espacio(s) y homoerotismos” e “Territorios esquivos”, com apurado rigor filológico, Peralta preocupa-se em definir os limites metodológicos de seu trabalho. Nesse sentido, explica sua opção pelo uso do termo “homoerotismo”, em detrimento de “gay” e “*queer*”; e define, a partir do diálogo com importantes pensadores do espaço, especialmente com Lefebvre, Foucault e Cortés, o que entende como espaço homoerótico, destacando seis traços fundamentais: apropriação; transgressão; predomínio do urbano; in(visibilidade); setorialização; e fluidez/sensualidade. Em seguida, aponta para a genealogia, sob base foucaultiana, como método de interpretação das obras selecionadas, abandonando assim um ímpeto de busca pelas origens e de estabelecimento de uma cronologia, em favor da categoria espacial, em diálogo não só com as figuras que habitam esses espaços, mas também com questões estéticas.



No capítulo “Mapas fundacionales”, o autor estuda o texto dramático *Los invertidos* (1914), de González Castillo, o conto *Rivertita* (1925), de Roberto Mariani, e as novelas *El juguete rabioso* (1926), de Robert Arlt, e *Reina del Plata* (1946), de Bernardo Kordon. De acordo com Peralta, essas obras narram, ainda que de forma embrionária, uma progressiva transformação da sociabilidade homossexual como um grupo à parte, com certo sentido de identidade e com a formação de uma subcultura. Enquanto no capítulo “Homotextualidades”, a partir de textos literários dos anos 1950, de Mujica Láinez, Alberto Arias e José Bianco, o autor se propõe a mostrar como as obras destes autores funcionam como uma ponte para novas formas de expressão do desejo homoerótico, cujo grande marco é a obra de Puig.

No entanto, como sugere Peralta, não se trata de um fenômeno isolado ou imprevisto, mas de um dilatado processo que vem se acumulando e se articulando literariamente por meio de muitas pequenas rupturas na representação homoerótica, o que criou as condições de emergência para *O beijo da mulher-aranha*. A obra de Peralta, portanto, é antes de tudo um trabalho de recuperação de uma memória esquecida sobre sexualidades dissidentes, no qual o autor se mostra um pesquisador minucioso, capaz de articular e propor novas perspectivas para o estudo do espaço, ao mesmo tempo em que faz um importante trabalho de recuperação e análise literária.

Paisaje de varones: genealogías del homoerotismo en la literatura argentina entrega exatamente o que promete o título: uma análise genealógica das relações homoeróticas masculinas por meio da literatura. Ao relacionar espaço, sexualidade, cultura urbana e literatura, a análise supera concepções essencialistas que entendem tanto os espaços quanto as identidades como categorias imanentes. Nesse sentido, os apontamentos teóricos e metodológicos, bem como o resultado das análises e suas conclusões, podem indicar caminhos profícuos para os estudos literários e comparados no Brasil. É possível que uma genealogia homoerótica para a literatura brasileira, como a que nos propõe Peralta para a literatura argentina, nos ensine sobre as estratégias de resistência mobilizadas a cada nova reconfiguração discursiva do poder. Ensino este significativamente importante para os dias atuais.

Fecho o livro de Peralta e lembro novamente do filme *O Beijo da Mulher-Aranha*, do volume da fita VHS nas mãos, da banca de jornal onde se comprava o filme, onde meu irmão saía com a sua edição do mês da revista Playboy, paga pelo meu pai, e de onde eu levava um chocolate Surpresa, após lançar um olhar furtivo para a capa da edição de G Magazine, mal disfarçada entre um canto visível da banca, para onde meu irmão nunca olhava. O sabor do chocolate obviamente



não apagava o gosto amargo da frustração. O livro de 1976, que virou filme em 1985, fala de mundos que já não eram os meus, mas que me formaram. O mundo do VHS também já não existe, os espaços homoeróticos são outros e a internet mudou a cidade erótica. Coube a nós fazermos a arqueologia de nossos mortos, recolher as imagens que formam a nossa genealogia, e saber que foram eles que nos permitiram viver nossa diferença.

